

Johan Degenaar: um filósofo de conto de fadas

CONCEITOS A EXPLORAR

H istória	Fontes documentais.
F ilosofia	Mito.
L íngua Portuguesa	Linguagem simbólica e conceitual. Estilística: figuras de linguagem. Teoria da comunicação.

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

H istória	Atuar sobre os processos de construção da memória social, partindo da crítica dos diversos “lugares de memória” socialmente instituídos. Crítico, analisar e interpretar fontes documentais de natureza diversa, reconhecendo o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e dos diferentes contextos envolvidos em sua produção. Produzir textos analíticos e interpretativos sobre os processos históricos, a partir das categorias e procedimentos próprios do discurso historiográfico.
F ilosofia	Ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros.
L íngua Portuguesa	Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de idéias e escolhas, tecnologias disponíveis etc.). Recuperar, pelo estudo, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal e no espacial.

SUGESTÕES PARA EXPLORAR O VÍDEO

História

Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas

Os contos de fadas, uma das formas pelas quais o ser humano se relaciona com o mundo, oferecem múltiplos sentidos, permitindo que sejam permanentemente recriados e reinterpretados. No entanto, também a matéria-prima da história, que é o fato histórico, é fruto de uma interpretação – tanto por parte de suas testemunhas diretas como por parte daqueles que o registram em segunda mão.

Tal como os contos de fadas, os acontecimentos históricos não constituem uma verdade neutra ou absoluta; ao contrário, traduzem interesses de pessoas ou grupos e, portanto, devem ser submetidos a análise crítica. Para isso, é fundamental resgatar o contexto histórico do fato analisado, para que nenhuma das diversas forças relevantes implicadas em determinado episódio seja deixada de lado ao se proceder à análise.

Atividade 1

Como exercício interpretativo de História, proponha aos alunos que comparem diferentes documentos sobre um mesmo acontecimento, tendo em mente a subjetividade do conhecimento histórico. Segue-se, como exemplo, uma sugestão de trabalho abordando o período das entradas e bandeiras – esse tema pode ser substituído conforme o interesse dos alunos ou a adequação a suas necessidades.

Organize a classe em grupos e, a partir da análise dos documentos sugeridos a seguir (ou de outros equivalentes), proponha um debate.

Documento 1

A presença da Igreja

“As bandeiras não deixavam de levar capelães, mesmo porque morria muita gente. Em 1692, Domingos Jorge Velho se lamentava de que lhe desertasse o capelão às vésperas de uma campanha: ‘mandei-o buscar; não quis vir; de necessidade busquei o inimigo; sem ele morreram-me três homens brancos sem confissão, coisa que mais tenho sentido nesta vida; peço-lhe pelo amor de Deus me mande um clérigo em falta de um frade, pois se não pode andar na campanha, e sendo com tanto risco de vida, sem capelão’.”

Laura de Mello e Souza, “Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações”. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

Documento 2

Recursos bélicos

“Grupos pequenos e coesos de homens possuíam, graças a seus cavalos, a suprema vantagem da mobilidade. Seus gastos, exceto pelo custo dos cavalos, eram mínimos. As armas de fogo, que eram caras e que de qualquer forma seriam rapidamente corroídas na selva úmida, raramente eram necessárias contra o tipo de oposição que provavelmente enfrentariam. Armados com espadas de aço e acompanhados por poderosos mastins, caçavam os índios aterrorizados, matando, escravizando e capturando todo o ouro que pudessem encontrar.”

J. H. Elliot, “A conquista espanhola e a colonização da América”. In: Leslie Bethel, (org.). *História da América Latina: América Latina Colonial I*. São Paulo/Brasília, Edusp/Fundação Alexandre Gusmão, 1998.

Documento 3

Depoimento de Domingos Jorge Velho

“[...] e se ao depois [de reduzir os índios] nos servimos deles para as nossas lavouras; nenhuma injustiça lhe fazemos; pois tanto é para os sustentarmos a eles e a seus filhos como a nós e aos nossos; e isto bem longe de os cativar, antes se lhes faz um irremunerável serviço em os ensinar

a saberem lavrar, plantar, colher e trabalhar para seu sustento, coisa que antes que os brancos lho ensinem, eles não sabem fazer.”

John Manoel Monteiro, *Negros da terra*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 150.

Documento 4

Depoimento do padre Antonio Vieira

“São pois os ditos índios aqueles que, vivendo livres e senhores naturais das suas terras, foram arrancados delas com [...] violência e tirania e trazidos em ferros com as crueldades que o mundo sabe, morrendo natural e violentamente muitos nos caminhos de muitas léguas até chegarem às terras de São Paulo, onde os moradores serviam e servem deles como de escravos. Esta é a injustiça, esta é a miséria, isto o estado presente, e isto o que são os índios de São Paulo.”

John Manoel Monteiro, *idem*, p. 150.

Documento 5

“[...] Só mesmo o bandeirante seria capaz de dar cabo daqueles negros [refere-se a Domingos Jorge Velho e ao Quilombo de Palmares] que se haviam assenhoreado de florestas tão vastas e escusas [...]”

Rocha Pombo, *História do Brasil*. 10.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1961, p. 244.

Documento 6

Quadro representando Domingos Jorge Velho chefiando uma expedição no século 17, pintado por Benedito Calixto.

Roteiro de análise para discussão

Como apoio para a análise, apresente um roteiro de questões como o sugerido a seguir. Vale a pena incrementá-lo, conforme o nível de aprofundamento desejado.

- Com base nas fontes, comente alguns fatos ocorridos durante o período das entradas e bandeiras.
- Descreva as diferentes visões sobre o bandeirantismo, comparando-as e discutindo-as com seu grupo.
- Faça uma leitura das imagens dos quadros de Benedito Calixto e de Henrique Bernadelli. Quais informações se pode extrair delas que não sejam identificadas em fontes escritas?
- Procure defender uma das posições apresentadas, baseando-se nas fontes documentais estudadas. Justifique.

Para finalizar, promova um debate com toda a classe, socializando as respostas e as dificuldades que os grupos encontraram na análise documental. Proponha que seja feito um relatório.

Filosofia

João Luiz Muzinatti

Os contos de fadas, assim como os mitos e as narrativas populares de modo geral, são elaborações fantasiosas que, no entanto, partem da realidade, ajudando o ser humano a se relacionar com questões que estão além do alcance de sua compreensão em determinado momento. Embora a forma varie ilimitadamente, na medida infinita da capacidade imaginativa humana, os temas são sempre os mesmos: origem e morte dos seres, do mundo e do universo; sexualidade humana; arbítrio etc.

Cabe à Filosofia analisar, a partir da forma como essas diversas narrativas são apresentadas, os conteúdos que são tratados e as mudanças ocor-

ridas na visão do ser humano a respeito de cada assunto ao longo do tempo. Proponha aos alunos, seguindo um roteiro de debate e reflexão, que respondam como as pessoas viam e como vêm hoje questões tais como:

- De onde viemos?
- O que é o universo?
- O que nos diferencia dos animais?
- O que é a morte?
- Existe o livre-arbítrio ou obedecemos a uma vontade superior?
- O que são o amor e o sexo?
- Qual a função da ética?



Atividade

- A partir do vídeo, selecione alguns temas para pesquisa, tais como: Irmãos Grimm; Charles Perrault; mitos dos índios brasileiros; mitos de índios norte-americanos; mitos bíblicos; mitos egípcios etc.
- Organize a classe em grupos e sugira que cada grupo pesquise – em casa, na biblioteca da escola, na internet – esses temas e escolha três narrativas para analisar.
- Distribua uma cópia de cada texto escolhido para todos os alunos.
- Oriente os alunos para que leiam com atenção e façam uma análise comparativa por escrito, identificando que características se repetem nas histórias estudadas do ponto de vista formal.
- Finalmente, após a análise formal, os alunos devem escrever a respeito dos conteúdos (morte, sexo, lealdade etc.) que identificarem nas diversas histórias.

Língua Portuguesa

Clemári Marques Ribeiro

Selecione trechos do vídeo que se refiram especificamente à linguagem simbólica, em oposição à conceitual. Exiba esses trechos e trabalhe com os alunos as características das duas

linguagens. Destaque o emprego da linguagem simbólica em determinados contextos e amplie o repertório de contos de fadas, histórias e canções infantis.

Atividades

- Faça com os alunos uma lista dos contos de fadas que conhecem. Se for o caso, vale a pena sugerir que façam uma pesquisa de novas narrativas desse tipo.
- Oriente o levantamento dos símbolos presentes nos contos comentados: pessoas que viram animais, príncipes, reis, rainhas, fadas, bruxas, duendes, anões, torres etc.
- Identifique as figuras de linguagem mais recorrentes nos contos e analise seu significado (metáforas, analogias, eufemismos, metonímias, paradoxos, hipérboles etc.).
- Analise a ética e os preceitos morais presentes em histórias infantis, mostrando como os contos de fadas são responsáveis pela transmissão de normas e regras de conduta de determinadas épocas.
- Discuta com os alunos os filmes da Disney baseados em contos de fadas e proponha uma pesquisa das histórias originais para identificar as adaptações e alterações. Se possível, procure exibir alguns desses filmes.

Consulte também

CARRETERO, Mario. "O ensino da História e das Ciências Sociais". In: *Construtivismo e educação*. Porto Alegre, Artmed, 1997.

GRINBERG, Keila et al. *Oficinas de História: projeto curricular de Ciências Sociais e História*. Belo Horizonte, Dimensão, 2000.

HOLM, Jean & BOWKER, John. *Mito e História*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1997

SHARPE, J. "A história vista de baixo". In: P. Burke (org.). *A escrita da História – Novas perspectivas*. São Paulo, Universidade Estadual Paulista, 1992.